

TOMBAMENTOS

UMA nomeação boa, essa do jovem historiador José Honório Rodrigues para diretor do Arquivo Nacional. Ele sempre amou pergaminhos e papéis velhos, sempre foi um luçador de arquivos. Vai com entusiasmo para seu posto, já com idéias novas para pôr em prática. Uma delas, confidenciou-me, é organizar pequenas aulas de História na base de exposição dos documentos: exposição da própria História, ali materializada em papel e tinta velha. A gente aprende que a princesa Isabel assinou a lei da abolição com uma pena de ouro; mas uma aula sôbre a Abolição ganha um interesse maior quando se vê a própria lei, a assinatura da princesa, o prêto no branco.

Outra idéia de José Honório é fazer o levantamento e o registro dos arquivos particulares de interesse histórico. O governo não vai tomar os arquivos das famílias, vai apenas tombá-los, registrá-los e, conforme o caso, candidatar-se a recebê-los por compra ou doação. Ele pretende fazer com os documentos históricos algo parecido com o que o nosso bom Rodrigo M. F. de Andrade faz, no seu Patrimônio Histórico e Artístico, com edifícios e obras de arte.

E por falar nisso, Rodrigo, que beleza a Fazenda do Paraíso! Era a principal das cinco possuídas por um Visconde, creio que do Rio Prêto, homem de muitas terras e escravos que, entre outras coisas, tinha o monopólio do fornecimento de carne verde à capital do Império. Fui lá em companhia dos atuais senhores de duas outras fazendas do Visconde (as de Santa Luísa e Santa Rosa). Um belo sobradão de 15 janelas de frente, com salas imensas mobiliadas como há 80 anos atrás. O filho do atual dono nos recebeu com esse conformado ar de vítima de quem está cansado de abrir e fechar janelas para mostrar sua bela casa aos curiosos. Vítima cavalheiresca, aliás; e homem que me pareceu de muito bom gosto, esse sr. Celso Bellort Arantes, tanto pelo carinho com que conserva a casa como pelo seu olho para môças e cavalos. A imensa sala de jantar tem um mural a óleo, a baía de Guanabara, que só isso justificaria o tombamento pelo Patrimônio.

Da pequena mata conservada atrás da casa vem uma água que se despenca entre samambaias; o jardim e o pomar guardam o gosto antigo, e na frente as palmeiras imperiais nos levam até a estrada. Não é longe, Rodrigo, é um pouco depois de Três Rios, e vale a pena ir agora, quando os caminhos estão floridos de ipês e mulungus.